“ SABERES E VIVERES DE MULHER NEGRA: MAKOTA VALDINA”

A trajetória de Valdina Pinto, é a história de uma mulher negra, professora, líder comunitária e religiosa, marcada pela fé e pela luta por dignidade de todos os brasileiros afro-descendentes, mui especialmente das mulheres negras . Ela foi contada no vídeo-documentário “Makota Valdina: Um jeito negro de ser e viver”, um dos vencedores do Primeiro Prêmio Palmares de Comunicação – Programas de Rádio e Vídeo, realizado este ano (2005). Nascida, criada e sempre moradora do Engenho Velho da Federação, bairro de Salvador onde se registra a maior concentração de Terreiros de Candomblé, ela é reconhecida como educadora, religiosa, ambientalista e militante negra. No ano de 2005, foi proclamada “Mestra de Saberes” pela Prefeitura Municipal de Salvador.

Por Ubiratan Castro de Araújo (*)

Revista Palmares: *Você se considera uma “sábia negra”?*

Não, eu me considero uma aprendiz. Dizem que eu sou uma sábia. Na semana passada, fui homenageada com uma placa como mestra de saberes populares. Então eu digo: a negra que eu sou, o ser humano que eu sou, sou porque aprendi com os meus mestres. Meus primeiros mestres foram meus pais. Meus segundos mestres foram os outros negros da comunidade do Engenho Velho da Federação. Na primeira escola que estudei, minha primeira professora escrevia as letras e os números em uma pequena pedra, uma lousa apoiada em madeira. Meu lápis era também feito de pedra. Aqueles negros, aquelas negras, mulheres e homens da comunidade onde nasci, cresci e moro até hoje, foram os meus primeiros mestres. Naquele tempo a família era extensa. A comunidade era uma família. E ali a gente ensinava o que aprendia. Toda criança era responsabilidade de todo adulto. A gente aprendia dentro de casa a fazer as coisas, a cuidar da casa, a cuidar de outros. Como era a terceira filha e a mais velha das mulheres, aprendi também a ter cuidado com outros e com as crianças. A sabedoria que tenho hoje é que me foi passada por eles.

> “A sabedoria que tenho hoje é que me foi passada por eles. O tempo de minha infância e juventude foi um, as referências e os valores eram outros”

No tempo de minha infância e juventude, as referências e os valores eram outros. Hoje eu vivo uma realidade diferente, e vejo vendo bairro com outros valores que foram incorporados. Mas ainda há famílias como a nossa que mantém valores que são de todos os tempos, embora em gerações diferentes.

Revista Palmares: *Esta grande família era solidificada pela cultura religiosa africana. A família de santo permeava ou misturava-se com família biológica?*

No meu caso, não. Minha mãe de Candomblé, era feita de santo, ou iniciada como se diz hoje, mas não era mãe de santo. Na época de minha infância, os templos que tínhamos na comunidade eram terreiros de candom-

* Editor chefe da Revista Palmares. Cultura Afro-Brasileira

Valdina Pinto

blé. Não tínhamos uma igreja católica, nem havia igrejas evangélicas cristãs. Existiam as missões, onde nos batizavam, nos crismavam e nos casavam. Normalmente íamos para o Rio Vermelho ou para a Vitória. Havia no bairro terreiros das várias nações, terreiros de nação Ketu, Jeje, Angola, Ijexá, e de caboclos, só de caboclos mesmo. Esse foi o primeiro referencial religioso que tive na comunidade.

Precisamente no final dos anos 60, início dos 70, foi construída a primeira igreja católica dentro da comunidade. Foi a Igreja da Santa Cruz. Eu entrei realmente no candomblé, em 1975, já adulta. Quando nossa comunidade já começava a perder muitos referenciais africanos, por influências externas, fui reencontrar no Candomblé meus valores e costumes, os quais eram comuns nas famílias e também em toda aquela comunidade. Isso era a família, coisa que hoje você só encontra nas comunidades de terreiro e também naqueles que viveram e ainda conservam e insistem em manter estes traços daquele tempo antigo, daquele jeito de fazer. Isso se via na forma de fazer ações em nível coletivo. Lá a gente não se alegrava sozinho, a gente se alegrava junto. Se a gente tinha um momento de tristeza, nunca se ficava triste sozinho, partilhava-se tudo. Se íamos construir uma casa, ia pai, mãe e filhos para fazer o "adjuntório", que não era mutirão. Naquele tempo dizia-se: "dar um adjuntório". E a gente fazia as festas. Não se fazia nada pra ficar só, era família, era comunidade. Vizinho era parente. Todo mundo era tio, tia, avó, avô, sem que necessariamente fosse parente de sangue. Nas festas de São João, todos comiam de todas as canjicas, nos finais de ano todos comiam de todos os bolos, porque todo mundo fazia a mesma coisa e todos trocavam pratos. Era muito interessante. Havia aquele sentimento de família. Hoje não se vive mais isso.

Na minha juventude, não sabia nada da cidade lá fora. Não sabia nada de Salvador. Sabia do Engenho Velho, do Garcia, da Ferreira Santos, da Federação, da Vasco da Gama, porque estávamos mais próximos, trocávamos as coisas. Nos sambas de São João, a gente saia de porta em porta. Nessas trocas é que os saberes e os valores eram passados.

Revista Palmares: *E na escola formal, a escola da lousa, não se transmitiam também os saberes?*

A escola da lousa não era

uma escola formal. Na escola havia uma mestra mas nem sei se ela era formada. Lembro bem de minha mestra Menininha e de minha mestra Augusta. Foi com elas que aprendi. Quando fui pra escola formal, a escola pública, sabia que era uma escola de muita qualidade. Era uma escola muito boa mas de muito difícil acesso, naquela época, Quando fui pra lá, fiz um teste e já entrei na segunda série. Antes, havia aprendido com a mestra na escola da lousa.

A professora da comunidade era a mestra. Ela nos passava os mesmos valores que a família nos passava. Ai de quem não acatasse o que a mestra falava, porque a mestra fazia ali o papel de nossa mãe. Não havia aquilo de a mãe questionar. Qualquer criança que fazia algo errado já sabia... Era só qualquer adulto passar que a gente dava a bênção e acatava, porque era o mais velho que falava. Na minha família lembro que na falta de nossos pais, de um tio, de uma tia, de um avô ou de uma avó, nós tínhamos o dever de chamar a atenção. E os irmãos menores tinham que acatar e respeitar. Minha irmã caçula é minha irmã e minha afilhada, assim como meu irmão. E até hoje ela não me chama de você, ela me chama de minha madrinha, e é minha irmã de sangue, de pai e de mãe. Era o costume da época. Nós não temos mais os nossos pais, mas na minha família, até hoje, se eu falar todos os meus irmãos acatam. Acho que hoje isso se perdeu. E isso era muito importante!

Revista Palmares: *Nesta vivência familiar e comunitária, quando a senhora começou a se sentir mulher. Com era ser mulher, ser menina?*

Olha, como mulher eu sempre me senti. Hoje quando vejo o movimento feminista, e eu falo em relação às mulheres negras, que muitas vezes incorporam algumas atitudes e algo que não é nosso, que vem de fora, eu fico pensando: - gente, minha mãe e outras mulheres sempre tiveram voz dentro da comunidade e da família! Minha mãe nunca esperou meu pai para tomar alguma atitude. Sempre tomou atitudes e quando meu pai chegava e a decisão já estava tomada. Quando era algo que precisava de uma resposta dos dois, sempre ela deixava para depois. Via os dois discutindo para chegar a um consenso, mas tinha coisas que ela decidia e depois meu pai acatava. Enquanto mulher, a gente aprendia a ser mulher sendo menina. Hoje eu sei um bocado de coisas que eu não tomei curso, não paguei para estudar, nem para aprender, porque me lembro que muitas coisas eram ensinadas enquanto estava sentada na esteira, aprendendo as coisas que davam para tocar. Hoje mesmo minha irmã é professora, mas optou por ser costureira e ela aprendeu a cortar vendo a minha mãe cortar, cortar pijama, cortar camisa. Fazer comida, confeitar bolo a gente aprendia em casa. Eu aprendi a ser mulher com minha mãe, dentro de casa. E digo mais, hoje tem este "negócio de trabalhos sociais". A gente já fazia isso no Engenho Velho da Federação. Os homens, as mulheres, os pais, as mães e os filhos, todos faziam trabalhos sociais e havia ocupação para todo mundo. Eu não me descobri mulher depois. Posso até ter tido uma consciência. Mas quando eu me remeto à minha infância e à minha juventude, vejo que meus passos foram contribuindo para isso.

Revista Palmares: *Como foi o seu processo de descoberta da ação política e social como negra?*

Da mesma forma, na década de 70 surgiram o Movimento Negro Unificado- MNU e o Ilê Ayiê. Naquele tempo os negros vivenciaram o que eu vivenciei. Eu sempre me soube negra, eu não me descobri negra nem comecei a atuar na comunidade negra partir do Movimento

Valdina Pinto

Negro. Eu descobri, sim, que tinha uma forma, um grupo, para expressar toda a experiência que tinha acumulado. Eu aprendi a fazer trabalho social naquela comunidade do Engenho Velho da Federação. Lembro-me que não podia fazer parte do quadro social da associação dos moradores por causa da idade, mas recordo que já trabalhava para ela desde cedo. Quando estudava para ser professora, fundei o primeiro curso de alfabetização para adultos, para os associados que queriam aprender a fazer um ofício, um requerimento. Hoje tenho consciência que aprendi a fazer política – não partidária – lá no Engenho Velho da Federação. Na década de 60, quando lutamos pela associação dos moradores, meus pais e outros fizeram campanha para uma nova sede. Fizemos quermesses, leilões, listas, todos se envolviam. Faziam reivindicações para a construção de uma ladeira. Naquela época ali era tudo mato, só passavam carroças. A comunidade participava, fazia listas, lutávamos pela questão da água. Recordo- me da época da construção do chafariz. Era meninota e fui declamar poemas pela chegada da água. Tenho consciência de que a água de boa qualidade e das matas foi se acabando. Isso já era um ato político. Fazíamos o que era natural. Todos participavam, todos trabalhavam. Essa era a coisa do fazer, do viver, do saber, do coletivo naquela época.

Revista Palmares: *Quando a percepção das diferenças sociais e da discriminação foi sentida por vocês?*

Naquela época todo mundo era igual. Essa situação começou a mudar a partir da década de 70, quando aquele grupo começou a ver lá fora o outro. A gente vivia aquele mundo dali, onde todos eram iguais. Quando começou a chegar o progresso, o “Mata Maroto” passou a não ser mais Mata Maroto, e sim “Cardeal da Silva”. O asfalto chegou ali. A Horta dos Padres já começava a deixar de ser Seminário e passou a se transformar no que é hoje a Faculdade Católica. O Quebra Laço, onde hoje é a Escola Via Magia, onde a gente tirava mato para enfeitar a casa no final de ano, passou a ser desmatado. Foi uma fase em que Salvador começou a inchar e o Engenho Velho começou a ter uma outra cara. Também no início dos anos 70, chegou a televisão, começou a chegar uma invasão de outros jeitos, de outras formas de vida.

Neste momento surgiu o Ilê e o Movimento Negro. De um lado a gente encontrava uma forma de se expressar, juntamente com outros grupos que tinham o nosso mesmo jeito de viver, como os grupos lá do Curuzú. Por outro lado, vinham também informações de como a gente vivia e de como éramos vistos. Até aí, achávamos que tudo estava legal, que esse era o nosso mundo. Começaram

então a chegar informações de que existia um outro mundo e que você não era parte dele. Aí é que começou uma tomada de consciência.

Em 1970, as coisas que eu vivenciava não eram questionadas. Em relação a mim mesma acontecia algo muito importante. Em 1970, fui convidada a ensinar Português para um grupo de voluntários, naquela época no Grupo Voluntários da Paz. Até aí eu não tinha noção de que o jeito como nós vivíamos era objeto de estudo, que tinha valor para alguém. Porque eu simplesmente vivia aquilo.

Revista Palmares: *Como foi a sua caminhada para o Candomblé?*

Desde criança sempre tive uma inclinação para uma vivência religiosa. Da minha família, eu fui a única pessoa católica praticante. Todo mundo foi batizado, fez a primeira comunhão. Ninguém ia a missa comungar. Eu fui até catequista. Formei-me como professora primária em 1962, no Instituto de Educação Isaías Alves- IEIA, atual Instituto Central de Educação- ICEIA. Em 1970, fui ser catequista. Por conta deste trabalho que já atuava na alfabetização de adultos. Minha mãe também era ligada a clubes de mães e ao trabalho social, quando da construção da igreja em nossa comunidade. Minha mãe, que então era do candomblé, foi trabalhar como diretora do Clube de Mães. E eu, mais uma vez, comecei a trabalhar com as mulheres, ensinando-as e também aos maridos sobre seus direitos. Na época, teve um curso de Alfabetização, da Cruzada ABC, que veio através da igreja, pelo qual fui fazer o curso para trabalhar na comunidade e formar outros monitores. O diretor do Corpo da Paz, lá em Salvador, soube de minha atuação e quiz me aproveitar para dar treinamento para os professores que vinham do interior. Foi então que recebi um convite para trabalhar com o desenvolvimento de comunidades. Aí eu comecei a me dar conta das coisas que eu fazia, que vivia, e que também tinha gente que estudava, que dava importância à nossa vivência comunitária. Era catequista junto com um padre francês.

Chegou um ponto em que começava em mim um processo para ver quem eu era. Eu me questionava: Até que ponto tinha que ser catequista ou voltar a ser do candomblé? Certa vez, vivenciei uma experiência muito importante. Apesar de ser catequista e de não deixar de comungar, nunca deixei de ir as festas de candomblé e de freqüentar o Tanuri-Junçara, como amiga da família. Assisti a uma cerimônia. Era um ritual para aqueles bakulos, o ritual de mukondo, que é equivalente ao axexê, oséia, jêje . Foi uma experiência marcante que me fez deixar de ser catequista. Ouvi um apelo e senti que eles estavam me cobrando. Senti-me fora de um lugar onde devia estar dentro. Foi um chamado para o candomblé. Senti-me incomodada em ser uma estranha diante daquele ritual. Naquele momento, decidi que não queria mais ser uma estranha. Voltei, falei com o padre e disse que a partir daquela data não iria mais dar catequese. Rompi e decidi que ficaria só no Candomblé.

Num belo dia, foi escolhida pelo inkisi "Angorô", que é equivalente a Oxumarê para ser Makota, ou Ekéde, e aí me confirmei. Quando me confirmei, continuei indo a tudo, querendo saber das coisas. A partir de minha entrada no Candomblé, empunhei uma bandeira. Entendi que deveria começar a ser uma voz do Candomblé. Havia muitos antropólogos, etnólogos e acadêmicos que nos estudavam. Naquela época, começava a sentir que não queria ser objeto de estudo. Nós tínhamos que ser objetos de nós mesmos. Saber se nós queríamos divulgar as informações, as coisas para fora ou se queríamos guardar tudo aquilo entre nós.

Valdina Pinto

Revista Palmares: *Então você quer dizer que os acadêmicos falseavam aquilo que viam?*

Queríamos dizer o que éramos realmente. Como a gente se via, como as coisas eram e não as versões estereotipadas, folclorizadas, e não aquilo como era dito. Lia os livros e via que aquilo que lia não era o Candomblé de fato. Na prática nós não éramos aquilo. Ainda que as pessoas mais antigas do Candomblé não entendessem sobre o que é visão de mundo, sobre qual era a cosmovisão do Candomblé, elas chegavam e diziam: "Ah, o que é isso!"

Revista Palmares: *O olhar da ciência não percebia a realidade do Candomblé?*

Ou não queria perceber! Os cientistas vão lá, bebem na fonte, depois botam com palavras rebuscadas ou com a visão que eles tem ou o que eles querem que as pessoas tenham, até mesmo as pessoas de candomblé. Notava que havia muita coisa incorporada já no seio das pessoas que praticavam o Candomblé. As coisas erradas que se via:

- Estão dizendo isso, mas não é o que o Orixá diz; estão dizendo aquilo, mas não é o que o Inkisi, o que o Vodun, o que o Orixá falam!.

Está na hora da gente falar o que a gente é. Está na hora da gente começar a mostrar que não é assim. Enquanto uma Makota, enquanto uma pessoa do candomblé de Angola, lá da Bahia, de Salvador, via como determinada nação era valorizada, como tudo era mostrado como se fosse uma coisa só, porque quando se fala em candomblé, só se fala em Orixá.

> "Aquela academia (universidade) tem que incorporar o que nós somos, o nosso saber. Coisas de nossa universidade de cá. Isso pra mim é que é enegrescer, é falarmos dos negros, para os negros que sabem quem são".

Revista Palmares: *Esta apologia da tradição religiosa dos Iorubas representava uma certa preferência dos intelectuais brancos em relação aos iorubas, em detrimento de outras tradições religiosas de matriz africana?*

Muita coisa que dizem é coisa que não entendemos, é coisa deles. A oralidade, a prática dos antigos nos diz coisas diferentes. As pessoas de uma nação visitavam as de outras. Pessoas de Angola visitavam pessoas de Ketu, de Jeje. Havia no Candomblé um compartilhamento entre religiosos, independente das nações. Não havia divisão. De certo modo, acho que muitos acadêmicos incentivaram isso. Pelo menos o povo antigo, lá no terreiro, dizia que ia no Gantois, no São Gonçalo , que tinha uma relação estreita com outros terreiros. Eles se visitavam e se conheciam. Esse foi o motivo para que eu passasse a empunhar esta bandeira e começasse a falar do Candomblé enquanto pessoa de campo. Dentro do Movimento Negro, em palestras, sempre me coloquei como religiosa de Candomblé, porque achava que alguém tinha que empunhar esta bandeira. No início, alguns daquela época em que o negro tinha que ir para a universidade, e tinha mesmo, achavam que tratar de negócios de candomblé era alienação. Eu sinalizava que a gente devia que ir para a universidade, mas, acima de tudo, devíamos saber dessa nossa universidade, que está lá no candomblé, que é nosso, Temos que ir pra a universidade com o pé neste saber. Vamos nos instrumentalizar, pegar este conhecimento universal, mas, acima de tudo, devemos saber o que a gente é. Quando falo que a gente tem que enegrescer a universidade, e falo da Universidade Federal da Bahia, não é simplesmente ter negros dentro dela, mas sim ter muitos negros que sabem quem eles são. Aquela academia tem que incorporar o que nós somos, o nosso saber. Coisas de nossa universidade de cá. Isso para mim é que é enegrescer, é falarmos dos negros, para os negros que sabem quem são.

Revista Palmares: *Que saber é esse? É o saber que está no Candomblé que nos faz falta? É o saber de nossa relação da natureza, com as outras pessoas da comunidade, é o nosso saber transcedental, de espiritualidade?*

É o saber da nossa relação com esse ambiente natural, mas também social, humano, o ambiente em que a gente está. Saber que a gente está num lugar, o que tem de essência neste lugar, enquanto natureza, que seres humanos estão aí, como estamos interagindo com este mundo natural, com os seres humanos. Se a gente se remete a um saber destas tradições, devemos ver o que estes saberes de origem africana nos ensinam. Aí você vai ver que essa essência é comum a todas as nações do candomblé, aos seres humanos com a natureza. Eu diria que ensina este é o saber de bem viver. É o compartilhar, o contemplar, onde todos são iguais e se completam entre si. O Candomblé é isso e mostra isso.

O que eu acho errado, e isso a academia fez, foi valorizar as lendas e mitos, mostrando que um Orixá é mais forte que o outro. São as lendas. Quando eu vejo o Orixá, o Vodun, o Inkisi enquanto essas energias,vejo que uma completa a outra, interage com a outra. Nenhuma é mais ou menos que outra. é digo que estão ensinando isso. A gente reverencia um orixá, no caso Oxalá, mas Oxalá depende de todos. O meu Inkisi é Kavungo, que é a Terra. É temido por causa das doenças. Mas a essência dele, de Kavungo, de Obaluaê vai interagir com quem é da água. Nenhum é maior que o outro e ele depende de todos. Isso é muito do que a gente deve ser. Esses saberes devem ser vividos. Vejo que a sabedoria de vida passada pelos Orixás como bastante atual. Por exemplo, quando venho aqui para Brasília e vejo este concreto, esta cidade,vejo que Ogun está desbravando caminhos, tanto quanto fez lá no Congo. Os caminhos hoje são outros. A espada pode ser uma caneta, para abrir caminhos para outras coisas. Tudo se atualiza conforme a realidade. Esses saberes são os que temos guardados. Há pouco conversávamos sobre os jovens do hip-hop. Pra mim tem tanto valor o menino lá da periferia, lá do subúrbio, jogando capoeira, tocando pagode, quanto o menino que canta, que dança o hip-hop. Você pode com o samba lutar, denunciar. Para mim, ser negro hoje é você se apropriar. Fazer o seu mundo sabendo que tem uma ancestralidade, sabendo como vai viver esta ancestralidade, sabendo o mundo em que está vivendo. Ser negro é poder trazer esta ancestralidade para o mundo hoje, atualizando, mostrando este jeito, um jeito em que se aceita todo mundo. No meu jeito do candomblé, aceito a todos os negros, aqueles que nos atacam, que são evangélicos, como também os brancos, que quando falam da raça humana, não falam da raça negra.

Quando nos remetemos a alguma espiral que está agindo, não excluímos ninguém. Quando falamos dos bakulos , não falamos só dos negros. Cristo foi um bakulo. Até hoje é falado, lembrado, assim como Gandhi e Buda.

“A humanidade está se matando aos poucos à medida em que destrói os seus espaços naturais. Foi por isso que me tornei ambientalista, por causa da religião. Foi para defender o que é importante para o povo de santo, de candomblé”

Valdina Pinto

Todos são bakulos porque são bem lembrados. A sabedoria das tradições africanas não divide, contempla a todo mundo. Não devemos dividir, mas sim juntar.

Revista Palmares: *Essa visão de união coletiva, de compartilhamento de ancestrais, é uma visão de muito equilíbrio. O conflito também faz parte deste compartilhamento?*

Faz, porque você não vive o tempo todo em equilíbrio. Você tem que dar uma desequilibrada nas as coisas. E às vezes, o desequilíbrio leva as coisas para um maior equilíbrio. Às vezes, o desequilíbrio leva a um maior equilíbrio. A gente quando tem que fazer um bolo pega uma coisa aqui, pega outra ali, junta uma ali, faz uma bagunça danada. A coisa ali não estavam arrumadas não, estavam desarrumadas. Para você dar uma arrumada, você tem que desarrumar, depois a casa fica toda arrumada. Nada é perfeito, para ter acerto tem que ter conflito. Agora você tem que ter formas, jeitos que apontem soluções para estes conflitos. Quando se pensa que uma comunidade de terreiro não há conflitos, enganam- se, há conflitos, ainda que se tenha uma hierarquia. Às vezes a gente não obedece a uma ordem, a gente é humano. A líder espiritual está numa ponta e a Muzenza está em outra. Uma coisa é verdade, a mãe e o pai só existem se há os filhos. Se os filhos não existirem, não irá existir o pai e a mãe. Quem está na base está apontando a todo o tempo para quem está no alto, dizendo "quem te sustenta sou eu". A mesma coisa a gente pode dizer de uma árvore. Você vê os troncos, os galhos, mas quem está sustentando a árvore? É a raiz. Tire a raiz para você ver, cadê a árvore ?. A gente sempre diz que, quando tem um barco de muzenza , é o tempo também de quem já passou, que já está mais além, é o tempo em que você está sempre voltando a relembrar, a se reciclar. Você está ensinando e isso o candomblé nos dá. Eu, como uma makota, e tendo a experiência de estar sempre em contato com vários barcos de muzenza, a minha revitalização, a atualização de minha aprendizagem só acontece se tiver barcos de muzenza. Cada barco tem alguma coisa para nos ensinar.

> "Minha sociedade do equilíbrio é uma sociedade onde os seres desta sociedade tenham preocupação com a humanidade"

Revista Palmares: *A senhora assumiu a luta ambientalista a partir de uma visão religiosa?*

Foi por causa do candomblé. Na época em que eu fazia parte da FEBACAB, hoje FENACAB . Estávamos começando uma luta pela revitalização do Parque São Bartolomeu quando o tema embargou lá na federação. Fôra pedida uma representante para acompanhar as reuniões. Na época, a tia Benvinda, como carinhosamente a chamavam, me delegou a representar a FEBACAB e aí comecei a representar a instituição nas reuniões. Após o mandato dela e também do meu acabarem lá na federação, continuei a luta enquanto membro de candomblé, a lutar por um espaço para o povo de santo.

Revista Palmares: *Era a Floresta de São Bartolomeu?*

Era sim, o São Bartolomeu que era floresta e depois virou parque. Daí foi que começou esta luta que para nós também era importante. Mas ainda não havia me dado por conta que o povo de santo também era ambientalista por natureza, por ser de santo. Se não tiver água, se não tiver mata, se não tiver espaço de terra para a gente colocar o pé no chão, na terra, a gente não tem de onde tirar a nossa energia, a nossa força. Então passei também a ser considerada ambientalista, porque havia começado a minha luta a partir do Parque de São Bartolomeu. E para mim, qualquer espaço de mata e de natureza é importante. Não só para o povo de candomblé, mas também para nós seres humanos. A humanidade está se matando aos poucos, à medida em que destrói os seus espaços naturais. Foi por isso que me tornei ambientalista, por causa da religião. Foi para defender o que é importante para o povo de santo, de candomblé.

Revista Palmares: *Qual é a sua visão sobre homem, sobre a natureza, e sobre uma sociedade em equilíbrio?*

Minha sociedade do equilíbrio é uma sociedade onde os seres desta sociedade tenham preocupação com a humanidade. A humanidade a partir de cada um, em que todos os seres humanos tenham direitos comuns. Enquanto ser humano, tenho o direito de viver nesta casa comum que é o nosso planeta. Se faltar ar, não vai importar o dinheiro que você tenha, não importa a posição e o poder que você tenha. Você vai morrer. Seja um Bush, um Lula, ou seja lá dos cafundós. Todos tem a mesma importância. Todo o ser humano tem que ter, dentro de uma sociedade, esta ciência, esta consciência. A partir daí, todos serão responsáveis. Não pode ser uma sociedade igual no sentido de criar um modelo único para todo mundo. Você entra no mar e vê diversidade. Entra na mata e vê diversidade. Olha pro céu e vê diversidade. Os seres humanos são diversos. Tem jeitos diversos de ser. Pode haver cores e cabelos diversos. Essa diversidade não pode ser tomada com parâmetros de superioridade ou inferioridade. Somos iguais a partir da ótica que as coisas básicas da vida são iguais para todos. Mas nós temos diferenças, porque nós temos também o direito de pensar diferente, de se relacionar com o mundo sobrenatural de forma diferente, de gostar de comer diferente, de gostar de se distrair diferente, de optar por um viver, em alguns pontos, de forma diferente. A sociedade, para mim, tem que contemplar isso e dar esta liberdade. A liberdade de ser diferente, mas a medida em que você respeite os limites, as diferenças do outro, o direito que o outro tem de ser e viver. Por mais conflitos que se tenha, o que se vê é que não se respeita o direito do outro, por isso há tantos conflitos em nossa sociedade.

Revista Palmares: *Alguma mensagem dos mais velhos, dos Inkisis, que estimule este sonho?*

São tantas as mensagens! Eu acho que a mensagem que eles dão é pela própria forma como eles existem para a gente. Quando um Inkisi, um Orixá, um Vodun escolhe alguém para ele incorporar, para ele ser através daquele ser, ele não escolhe pela cor, não escolhe pelo dinheiro, não escolhe pelo saber. Nós não escolhemos o Inkisi, o Orixá, o Vodun, nós somos escolhidos. E eles escolhem. Então, você pode ver uma pessoa que não é valorizada pela sociedade apresentar-se tão majestosamente pelo Inkisi, pelo Orixá, pelo Vodun, quando incorporada. Naquele momento, aquela pessoa pode ser um máximo diante a um Papa presente, diante de um político, de um Bush, de um Lula. Então, a mensagem que eles mandam é que você seja, e a mensagem que eu tenho aprendido é que você só é grande quando você sabe ser pequeno. Uma Nengua só é Nengua quando ela continua sempre sendo Muzenza. Um adulto tem que ser adulto, sabendo sempre ser criança.

“Uma nengua só é nengua quando ela sempre continua sendo muzenza. Um adulto tem que ser adulto sempre sabendo ser criança”